# Ananias Arruda, 1886-1986

Luís Sucupira

Ele chegou em Baturité ainda criança. Veio de longe, em companhia de toda a família, composta dos pais e seis irmãos, a avó e duas tias, além de numerosos serviçais, formando uma verdadeira tropa, que naquela manhã ensolarada de julho de 1891 penetrava cidade adentro, atravessando a rua do Labirinto, fazendo alto afinal diante de uma casa na rua 7 de Setembro, que foi como que invadida pelos caravaneiros, que ali passariam a residir.

Como acontece em toda cidade pequena, logo se ficou sabendo, através de informações colhidas pela curiosidade que o acontecimento estava despertando no meio da população um tanto alvoroçada com aquela movimentação inesperada, tratar-se de viajantes chegados de Aracatiaçu, depois de cinco dias de viagem, com escalas em Canindé para pagamento de uma promessa.

Na verdade, a caravana constituía uma respeitável migração de gente estranha que, com armas e bagagens, se incorporaria à população do lugar então mais ou menos avaliada em 18 mil habitantes.

O menino, que viajara no meio da carga, nas costas de um burro, como que fazendo parte integrante daquele ajuntamento de animais, contava apenas cinco anos de idade. Deixava-se ficar um tanto arredio, meio bisonho, como que escondido naquela espécie de romaria. O nome dele era Ananias, com certeza buscado na leitura da Sagrada Escritura, onde esse nome é dado a mais de uma das personagens que ilustram a história

do povo de Israel, a começar por um dos três mancebos (Ananias, Azarias e Misael) atirados numa fornalha de fogo, em Babilônia, como castigo por se recusarem a adorar os ídolos, e que foram salvos milagrosamente por intervenção do Deus verdadeiro. (Dan. 1, 6 e 7; III, 1-30).

O pai de Ananias, mais conhecido como Miguel Arruda, tinha o nome completo de Miguel Arcanjo de Araújo Costa Lopes de Aguiar Arruda. Era casado com Maria do Livramento Bezerra de Araújo Rodrigues de Vasconcelos Arruda. O casal tronco da família, estabelecida em Aracatiaçu, era formado por Amaro José de Oliveira Arruda e Ana Maria da Conceição Arruda, cujo filho, João José Arruda, foi o pai de Miguel Arruda, que resolvera mudar-se para Baturité, abandonando a fazenda "Oiticará", situada nas margens do rio Contendas, afluente do rio Acaraú, no então município de Santo Antônio de Aracatiaçu, elevado a essa categoria por lei n.º 1661, de 3 de agosto de 1875.

Esse lugar tem passado por várias alterações não só toponímica como política, judiciária e eclesiástica. Criado como distrito, por Ato provincial de 18 de março de 1843, pertencendo ao termo de Imperatriz, hoje Itapipoca, foi depois incorporado ao de Arraial, hoje Uruburetama, em 1850, mas voltando a Itapipoca em 1863, logo depois, em 1864, reintegrado a Uruburetama, e, por fim, passando a fazer parte do município de Sobral, a partir de 1970, situação em que se encontra até hoje. Alei 4 072, de 7 de maio de 1958, voltou a considerá-lo município, mas esse diploma foi cassado por inconstitucionalidade, pelo Supremo Tribunal Federal, em 6 de agosto de 1958. Também a denominação do lugar sofreu modificações. O título de Santo Antônio do Aracatiaçu foi reduzido a apenas Santo Antônio, pelo Decreto-Lei 448, de 20 de dezembro de 1938, modificado logo a seguir para Aracatiaçu pelo Decreto-Lei 1 114, de 30 de dezembro de 1943, que ainda permanece.

Miguel Arruda, pelas suas qualidades de homem probo, trabalhador e comunicativo, logo se impôs ao novo ambiente, onde iriam incorporar-se todos os seus rebentos, que ali se criaram, educaram-se, instalaram-se definitivamente, constituindo famílias numerosas e assumindo posições destacadas nas diversas modalidades da vida comunitária, assumindo mesmo o governo do Município, ocupado por mais de um dos seus representantes.

Que teria atraído a atenção de Miguel Arruda para vir fixar-se em Baturité, quando Sobral lhes estava mais ao alcance e, na época, oferecia mais vantagens tanto de caráter ma-

terial como social? Talvez a boa fama de que gozava Baturité, como centro de melhores atividades comerciais e já bem apreciado desenvolvimento econômico.

De fato, naquele ano de 1891 a cidade apresentava um animador surto de realizações progressistas. Por um lado, a recente ligação com Fortaleza por meio da Estrada de Ferro de Baturité, desde 1882, o que veio facilitar a colocação da variada produção agrícola da serra não só no centro consumidor de Fortaleza, como nos das cidades servidas pela ferrovia no seu percurso de 100 quilômetros. Por outro, movimentos de caráter político, intelectual e religioso criavam um ambiente de animação em todos os sentidos. Recém-instalado o regime republicano, procurava-se acomodar os interesses dos vencedores com as possibilidades do depauperado tesouro municipal. E o interessante é que as acusações que os novos administradores faziam aos seus antecessores monarquistas eram de terem deixado enormes dívidas, numerosas sinecuras e muitos afilhados políticos, o mesmo estribilho que ainda hoje se repete nas mudanças de governo.

No terreno da imprensa naquele ano de 1891 apresentava-se mais de meia dúzia de jornais distinguindo-se o vibrante *O Cruzeiro,* que vinha circulando desde 1884, até *O Século,* surgindo em 25 de março, juntamente com outros de menor significação como *O Binóculo, O Berimbau, O Cancão, O Grilo, O Leque, O Vagabundo* e a *Voz do Operário.* Foi no *O Combate* que Jorge Miranda publicou um artigo propondo que na Constituição estadual, que se ia votar, se mudasse o nome de Fortaleza, Capital do Estado, que ele considerava sem significação histórica ou natural, para Morenburgo, Morenópolis ou Moremberque, em homenagem a Martins Soares Moreno, fundador da cidade.

Outro fato a destacar nesse ano de 1891 foi a instalação em Baturité de uma empresa destinada a explorar uma linha ferrocarril ligando o centro da cidade ao subúrbio de Putiú, local da estação da via-férrea, empreendimento que não pôde perdurar porque os animais atrelados ao carro não podiam arrastá-lo ladeira acima no trajeto a vencer.

Igualmente instalava-se no município o primeiro arremedo de indústria, com o emprego de maquinismos na fabricação de açúcar, sabão e bebidas, com aproveitamento da semente de algodão, até então somente empregada como combustível ou estrume e passou a ser transformada em óleo, sabão e torta para alimento de animais.

Foi nesse ambiente de certo modo um pouco agitado, que Ananias começou a abrir os olhos para a vida prática. Inteligente, aplicado aos estudos, procurando retirar do trabalho os melhores resultados, formando o espírito sob os ditames de um seguro apoio religioso, para o que contou com o auxílio do vigário, Monsenhor Manoel Cândido dos Santos, já o vemos, aos 18 anos, ocupando lugar de destaque nos meios intelectuais, fundando o Círculo Católico, sociedade de fins culturais, e o Círculo de Operários, destinado à formação espiritual dos homens de trabalho, fosse o urbano, fosse o rural. Já na mesma época assumia a direção da Escola Paroquial do Menino Deus, que ajudara a fundar, concorrendo mesmo para a construção do prédio em que ela funcionava e destinada a meninos pobres.

Tendo que decidir sobre seu destino profissional e não desejando seguir a carreira sacerdotal por falta de vocação, nem podendo candidatar-se a estudos superiores, não existentes no Ceará, nem dispondo de meios para buscá-los nos Estados que os ofereciam, decidiu-se pelas atividades comerciais, aproveitando as oportunidades que se iam abrindo na região para os que tivessem capacidade e disposição de enfrentar os riscos e as dificuldades inerentes à profissão, que não somente exige essas qualidades como honestidade e boa fama.

E, dentro da trajetória de trabalho dignificante que se traçou com dignidade e denodo, coragem e ação indormida, Ananias Arruda, o menino que chegava a Baturité em 1891, desconhecido e ignorado, não só soube impor-se à admiração e ao respeito do povo, como chegou a colocar a cidade que fez sua em situação das mais destacadas entre as demais urbes cearenses. Incorporando-se do corpo e alma ao viver cotidiano da comunidade, passou a amá-la de coração e de espírito, reerguendo-a da decadência para a qual ia caminhando, esquecida dos áureos tempos. Para tanto, não mediu sacrifícios, nem recursos próprios ou alheios, conseguidos estes mediante solicitações muitas vezes impertinentes. E foi assim, num labor indormido e desassombrado, que alcançou nos seus elevados propósitos verdadeiros prodígios, dotando a cidade de melhoramentos tanto materiais como sociais e culturais, fazendo-se daí por diante notada sua presença fosse no campo administrativo, social, econômico, fosse no vasto campo das realizações de caráter assistencial, intelectual, educativo e religioso. Graças a essa indômita energia criadora, viu Baturité funcionar em benefício de sua gente; seminários, escolas normais, colégios, ginásios, hospitais, dispensários, maternida-

des, serviços de água e luz, estabelecimentos bancários, associações de profissionais de pequena e alta classes, postos de saúde, estradas vicinais, tudo o que se pode desejar para o convívio feliz de uma comunidade.

Esse devotamento o recomendava a assumir a gestão dos destinos políticos do município de que se fizera benemérito por todos os títulos e assim foi elevado à curul municipal que ocupou por oito anos primeiramente por delegação governamental e em seguida pela manifestação da vontade popular.

Assumindo a gestão dos negócios municipais, pôs mão à obra, realizando com mais energia e mais autoridade o que até então vinha fazendo por simples iniciativa pessoal. Homem viajado, conhecendo não só as mais adiantadas cidades brasileiras como os vários centros da civilização mundial, decidiu-se a modernizar os vários serviços urbanos, pavimentando ruas, embelezando praças, melhorando a iluminação pública, proporcionando lazeres aos munícipes, erigindo monumentos de caráter patriótico e religioso, dando especial cuidado à vida espiritual, com associações religiosas operantes e facilidades para o funcionamento do culto religioso, através de melhor apresentação das igrejas tanto da cidade como dos arredores.

É de supor que, assim procedendo, poderia sacrificar as suas atividades particulares ou familiares, o que, porém, não acontecia. Dotado de uma capacidade insuperável de trabalho, conseguia dar atenção especial a todas as exigências do seu dia-a-dia, quase que manifestando o dom da ubiqüidade, vencendo as instâncias que o separavam da Capital do Estado ou dos vários distritos de seu município que esperavam a solicitude de sua assistência ininterrupta.

Com a situação econômica devidamente alicerçada, sentindo-se apto a assumir os compromissos das obrigações familiares, animou-se a convolar núpcias aos 25 anos de idade, para tanto unindo-se matrimonialmente, em 17 de setembro de 1911, à jovem Ana dos Santos, sobrinha do Vigário Mons. Manoel Cândido, nascida em Saboeiro em 1895, filha de Custódio dos Santos e Águeda Braga dos Santos. Mal saída da adolescência, fazia-se atraente pela simpatia irradiante, pela boa formação intelectual no Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, pela delicadeza e piedade no seu comportamento, tornando-se a companheira dedicada, carinhosa e atuante na vida de Ananias, união que somente não se tornou completamente feliz por não lhe ter permitido Deus os prazeres da maternidade. Talvez estivesse isso nos designios da Providência para que Ananias despreocupado das responsabilidades que os fi-

lhos impõem e acarretam se pudesse entregar mais completamente às tarefas a que se ia cometendo, numa escala cada vez mais envolvente e ascensional. E parecendo acentuar-se esse designio, arrebatou-lhe Deus a amorável e dedicada companheira, subitamente fulminada quando se entregava a um passeio nas proximidades de Pacoti, no dia 19 de janeiro de 1941, encerrando-se, com isso, de modo abrupto, uma convivência de 30 anos em que o verdadeiro amor conjugal resplandecia de modo admirável. Abatido com o golpe, mas não desesperado, compreendendo, na sua submissão à divindade, que ele tinha vindo de mais alto, como exclamara Santa Joana de Chantal, diante do corpo inanimado do marido, morto inesperadamente, decidiu não transformar sua dor num poema, como recomenda o poeta, porém, desdobrá-la em maiores serviços a Deus e ao próximo, passando, então, a dar-se todo a todos, como fizera o apóstolo S. Paulo.

E os resultados desse sacrifício, e as conseqüências dessa dedicação e os proveitos desse devotamento estão sendo lembrados agora, nessa homenagem dos que lhe conheceram a ânsia de fazer o bem ou de que dele tiveram notícia, através da perenidade de suas realizações.

Realmente, mesmo que se procurasse calar a respeito de sua atuação multiforme, as pedras se incumbiram de proclamá-las, aplicando o que se lê no Evangelho de S. Lucas, Cap. 19, vers. 40. Porque não há um aspecto do desenvolvimento de Baturité, após a passagem por ali de Ananias Arruda que não aponte um traço da sua influência criadora ou reformadora. No campo educativo o Colégio Domingos Sávio, dirigido pelos Padres Salesianos, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, pelas Irmãs Salesianas, o Colégio Joaquim Nogueira, pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade; no âmbito assistencial, a Casa dos Pobres Santa Luisa de Marillac, a cargo das Irmãs de Caridade, O Hospital dos Pobres José Pinto do Carmo; a Maternidade Maria Felícia Ribeiro; no setor social o Círculo de Operários e a Escola Paroquial do Menino Deus para meninos pobres; no mundo religioso, a Escola Apostólica dos Padres Jesuítas, Conferências de S. Vicente de Paulo e a capela de Jesus Crucificado em Pacoti; no movimento cultural, o jornal *A Verdade*, que muito vem influenciando na transformação do meio social, educativo e religioso, e o Círculo Católico, reunião de intelectuais para apreciação de assuntos relacionados com o pensamento católico; no mundo econômico, a fundação da Associação Comercial e do Banco Agrícola; no meio político, o estabelecimento e direção da Liga Eleitoral Católica,

que muito concorreu para esclarecimento do voto popular; na área das manifestações artísticas as estações monumentais de uma Via Sacra, com figuras em tamanho natural, estendidas na encosta da serra e a apresentação de uma artística imagem de Nossa Senhora de Fátima, colocada num pedestal de 3 metros e medindo 9 metros de altura, a maior estátua esculpida até hoje em todo o mundo cristão, e que se constituem motivo de atração turística.

Assumindo as responsabilidades da direção do Município, confirmou Ananias mais uma vez a sua capacidade de homem de idéias e de ação, dotando a cidade de melhoramentos os mais relevantes, desenvolvendo os serviços de água e iluminação, distribuindo chafarizes para atendimento à população, pavimentando as ruas, saneando o meio urbano, ajardinando as praças, nas quais se destacavam figuras de animais, conseguidos por paciente trabalho de aproveitamento de ficus benjamim, levado a efeito por jardineiro trazido do sul do País. E tão eficaz se afirmou sua operosa atuação que em 1955 foi a cidade de Baturité considerada pelo Serviço Público Federal como um dos 10 municípios brasileiros de maior progresso no setor da administração municipal.

Seu profundo conhecimento dos homens tornava-o merecedor do respeito, das atenções e do acatamento dos que dirigiam os destinos religiosos e políticos dos cearenses, sendo seus conselhos admitidos como indispensáveis no exame e solução de assuntos relacionados diretamente com decisões importantes a serem tomadas.

Por ocasião da reconstitucionalização do País, em 1933, teve atuação preponderante e ainda aí aproveitou a oportunidade para servir ao seu Baturité, conseguindo incluir na chapa vitoriosa de deputados à Assembléia Constituinte o nome de Valdemar Falcão, filho daquela terra e que correspondeu plenamente à recomendação, sendo escolhido líder da bancada, membro da Comissão Constitucional, chegando depois a senador da República, Ministro de Estado e Ministro do Supremo Tribunal Federal. Apesar das culminâncias atingidas, sempre se manifestou Valdemar Falcão atento à orientação de Ananias Arruda.

Gozando de mais lisonjeiro conceito junto ao Clero, recebeu deste, a começar pelo Arcebispo D. Manoel da Silva Gomes, as mais incisivas e retumbantes manifestações de apreço, com repercussão junto às elevadas representações eclesiásticas no País, incluindo-se ainda o Número Apostólico, que o veio visitar

em Baturité e mesmo as autoridades do Vaticano, tendo-o o Santo Padre Pio XII agraciado com duas comendas, a de Santo Aleixo e a de S. Gregório Magno, além de distingui-lo com a honra toda especial de possuir em sua residência o Santíssimo Sacramento, faculdade especial e excepcional, de que normalmente só gozam os membros do episcodado. O jornal *A Verdade,* que fundou em 1917 e se vem mantendo até hoje, o único mais antigo em circulação no Ceará, distribuído gratuitamente em larga escala, alcançou diploma de honra na Exposição Mundial de Imprensa Católica realizada na Cidade do Vaticano em 1937.

Esta casa, sede do nosso Instituto, encontra-se de certo modo ligada ao nome de Ananias Arruda. Mandada construir, no seu estilo arquitetônico *belle époque,* por seu irmão Jeremias Arruda para nela residir, dela foi pressionado a desfazer-se pelo Banco do Brasil. A Prefeitura de Fortaleza adquiriu o imóvel aí instalando o Ginásio Municipal. A Universidade do Ceará comprou o prédio, passando ao Instituto do Ceará em troca com a nossa antiga sede na Avenida da Universidade que foi utilizada pela Faculdade de Ciências Econômicas. Essa intromissão violenta daquele estabelecimento de crédito nos bens de Jeremias Arruda teve grande repercussão naquele tempo. Jeremias, com seu espírito empreendedor, sua indiscutível capacidade para operações comerciais, sua coragem para os grandes negócios, impôs-se em nossa praça como grande exportador, aproveitando as oportunidades que a primeira grande guerra oferecia, tornando-se especial fornecedor dos mercados britânicos, e colocando-se acima de tradicionais firmas inglesas e francesas aqui estabelecidas. Suas transações eram amparadas pela Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, que para tanto assinara contratos nos quais se comprometia a descontar os saques ao câmbio do dia em que recebesse as respectivas faturas. Isso representava, decerto, um jogo que poderia beneficiar o banco no caso de subir a cotação cambial e talvez era isso o que ele esperava. Mas aconteceu que, finda a guerra, os países depauperados financeiramente viram baixar o valor de suas moedas, incluindo a Inglaterra. Pelos contratos assinados o Banco do Brasil teria que adotar na liquidação das contas de Jeremias Arruda ao câmbio prometido, mas não o fez, impondo abusivamente o câmbio do dia, o que representava para Jeremias um prejuízo formidável, que terminou com a apropriação de seus bens pelo Banco do Brasil, dada a impossibilidade de solvência dos compromissos assumidos.

Jeremias Arruda enfrentou a situação com a maior dignidade. Derrotado pelo terrível fato consumado, procurou consertar sua vida e a de sua família já numerosa, indo comerciar no Pará, onde se estabelecera um irmão. Os lucros obtidos não eram suficientes para a manutenção de duas famílias, donde ter ele que transportar-se para o Rio de Janeiro, abrigando-se à sombra de seu cunhado, irmão de sua mulher e que era Vigário da Paróquia de S. João Batista da Lagoa, Monsenhor Manoel Soares. No Rio conseguiu colocar-se no comércio e no meio de grandes dificuldades pôde educar os filhos, hoje todos bem situados, alguns dos quais se acham aqui presentes.

Embora vencido pelas circunstâncias adversas que o levaram a uma situação de precariedade financeira, Jeremias não se deixou dominar pelo desânimo e resolveu enfrentar, como pequeno Davi, o poderoso Golias, senhor do sistema econômico e financeiro do Brasil. E foi aí que contou com a cooperação dedicada e decidida de Ananias Arruda. Ele se pôs à disposição do irmão e entrou na questão com o Banco do Brasil. Ouvidos grandes jurisconsultos brasileiros cujos pareceres eram favoráveis a Jeremias, foram contratados os serviços de importante advogado pernambucano, Dr. Barreto Campelo. E correndo o feito, o Banco do Brasil era derrotado em todas as instâncias, até o Supremo Tribunal Federal, que, por unanimidade, deu ganho de causa a Jeremias Arruda. Mas embora o resultado moral fosse honroso e dignificante para Jeremias, triunfante em toda a linha, as conseqüências financeiras foram as mais lamentáveis. E isso porque a fortuna de 1920, com o correr dos 40 anos em que se arrastou a questão, estava reduzida a um valor quase insignificante, em 1960, pois, nesse interim, a moeda brasileira se desvalorizara de tal modo que se chegou a substituir-lhe até o nome. E como na época não se conhecia a correção monetária, pode-se concluir que pouco representavam milhares de contos de réis transformados em cruzeiros.

Para Ananias Arruda o fato não só representou mais um motivo de dignificação pessoal como concorreu para enaltecimento da família de que ele se tornara o mais lídimo representante e o mais destacado e venerado líder.

A liderança é um processo que somente pode ser levado a cabo eficazmente por quem está devidamente capacitado a desenvolver ação pessoal com repercussão produtiva na vida da comunidade, seja a doméstica, seja a econômica, seja a política, seja a social.

O sociólogo americano Ordaway Tead oferece uma definição de liderança que se tornou clássica, como sendo o tipo

de atividade que nos leva a cooperar num objetivo que julgamos desejável. Assim, para o líder, o processo de cooperação é muito mais importante do que o alvo a atingir. Pessoa identificada antes de tudo com o seu meio, o líder participa de tudo o que o grupo considera sistema de vida.

Segundo Sanderson e Poison, especialistas em estudos sobre o papel da liderança, dois são os característicos que distinguem o líder: não pretende tornar-se indispensável e não possui ambições materiais nem cobiça situações de poder ou de prestígio: encontra satisfação na própria liderança assim como o artista se contenta com sua arte.

Dentro desse modo de ver, entre as mais destacadas personalidades que no Ceará se distinguiram pela atuação eficiente, elevada, construtiva e desambiciosa, força é colocar a pessoa por todos os títulos exponencial de Ananias Arruda, a quem o povo de Baturité muito deve nos variados setores das suas atividades comunitárias.

Homem de ação, embora um tanto retraído; modesto, embora decidido; enérgico, embora moderado; vontadoso, embora circunspecto; impulsivo, embora prudente; atuante, embora comedido; político mas sem apego a cargos; liberal sem demagogia; tradicionalista sem fanatismo; construtivo sem imprudência, impelido por um ardoroso ânimo de trabalho; sabendo aproveitar as oportunidades na consecução de seus propósisitos; portador de justificado orgulho cívico, mas recolhido a uma humildade respeitosa; dominado sempre pela vontade de ajudar, tudo isso fundado, acendrado, e estimulado e incitado por um esplêndido espírito de fé em Deus, alicerçado numa larga e providente formação religiosa, que lhe permitia encarar as coisas e os homens como meios indispensáveis de chegar ao Todo-Poderoso.

Diante de tudo isso, é para admirar que esse homem que por tantos motivos se fez credor da gratidão de coevos e pósteros e que, aplicando as palavras dos Evangelhos, *pertransit benefaciendo,* (passou a vida fazendo o bem), não tenha recebido a consagração de sua memória na denominação de um simples logradouro. Isso é mais um testemunho em favor da austeridade do seu modo de proceder e mostra quanto ele depreciava o chamado culto da personalidade, hoje, principalmente, coisa comum no endeusamento de quantos ocupam algum lugar de relevo e que ao sopro da bajulação desenfreada, vêem não apenas seus nomes em placas as mais variadas como a de cônjuges e outros parentes nas esquinas das ruas, nas facha-

das de colégios, em hospitais e até cadeias, em construções, veículos, estradas, açudes e mesmo cidades, vilas e povoações.

E é ainda para admirar que a família de Ananias Arruda, que continua a desfrutar largo prestígio por força mesmo da atuação do seu arquétipo, e que já viu alçar-se à curul municipal dois de seus sobrinhos, tenha acompanhado o glorioso patriarca nesse excepcional desprendimento. No entanto, a imprescindibilidade da Justiça na Voz da História tem suas exigências a que é impossível fugir. Daí por que vai a cidade de Baturité, a partir desta data, relembrar a venerável e inesquecível figura de seu ilustre filho adotivo não apenas numa placa escondida no recanto de uma via pública mas numa imponente estátua, chantada no centro de uma praça, prestando a mais aplaudida homenagem a quem tudo deu de si sem pensar em si e, como outro S. Paulo, tudo realizando estribado na fé que o confortava e sabia transmitir a quantos o cercassem.